

Enviado em: 05/05/2009 - Aceito em: 30/08/2009

## A LINGUAGEM ESCRITA NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.

Luzia Franco Duarte<sup>1</sup>Luiza Franco Duarte<sup>2</sup>Tamara Cardoso André<sup>3</sup>

**RESUMO:** Apresenta contribuições e amplia os diálogos de como a criança se apropria da linguagem escrita segundo a psicologia histórico-cultural, a partir do gesto, do desenho e do jogo, elementos constituintes da pré-história dessa linguagem, segundo L. S. Vigotski. Nesta perspectiva, o desenvolvimento da escrita pertence à primeira e mais importante linha de desenvolvimento cultural, pois está relacionada com o domínio do sistema externo de meios elaborados e estruturados no processo de desenvolvimento cultural da humanidade. Para que a linguagem escrita da humanidade se converta em linguagem escrita da criança são necessários complexos processos de desenvolvimento para compreender a realidade que vivencia e atua. Esta pesquisa vem resgatar a relação necessária que deve ser propiciada pelo ensino escolar ao desenvolvimento da escrita para promover uma alfabetização culturalmente significativa.

**PALAVRAS-CHAVE::** Gesto; Desenho; Jogo; Linguagem Escrita; Cultura.

**ABSTRACT:** In this work we present some contributions and expanding the dialogue on how the child has been learning the written language according to the historical-cultural psychology, from the gesture, the drawing and the game, which are components of the prehistory of this language. For this understanding we have sought theoretical elements in the writings of the historical-cultural psychology representatives, as

<sup>1</sup> Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e graduanda do Curso de Pedagogia UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu. Endereço Eletrônico: Luzia\_fd@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e graduanda do Curso de Pedagogia UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu. Endereço Eletrônico: lulu.fd@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. Profa. do Centro de Educação e Letras – Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Endereço Eletrônico: tcardosoandre@yahoo.com.br.

L. S. Vigotski. According to this psychological dimension, the development of writing belongs to the first and most important line of cultural development, because it is related to the mastery over the external resources developed and structured in the cultural development process of the humanity. Thus, for the written language of humanity becomes written language of the child it is necessary some complex development processes to understand the reality that he lives and acts. Therefore, our research is to rescue the relationship needed that must be provided by the school to the development of writing, and thus, promoting a culturally significant literacy.

**KEY-WORDS:** Gesture; Drawing; Game; Written Language; Culture.

## INTRODUÇÃO

A abordagem histórico-cultural se propõe a compreender os alicerces das formas superiores de comportamento ou função psicológica superior a partir das ligações reais entre os estímulos externos e as respostas internas. Ou seja, a combinação entre o uso de instrumentos e os signos nas atividades psicológicas, possibilitando, assim o desenvolvimento de uma função psicológica superior ou comportamento superior, que são, por exemplo, linguagem, escrita, atenção e percepção voluntária, entre outros. Esse desenvolvimento se dá num movimento espiral, constituindo uma revolução no avanço a um nível superior de comportamento (VIGOTSKI, 2000).

Segundo Pino (2005, p. 18):

(...) ao sustentar o caráter cultural do psiquismo e [...] sua origem social, a tese de Vigotski constitui uma espécie de sutura na cisão da unidade do homem juntando nele a natureza e a cultura, a ordem do biológico e a ordem do simbólico.

O desenvolvimento cultural se constitui no processo de transformação de um ser biológico em um ser cultural. As funções elementares por si só não originam as funções superiores, mas se disseminam pela herança genética, ou seja, as funções superiores não se constituem como um simples resultado de desenvolvimento das funções elementares, mas devido a sua natureza simbólica emergem das práticas sociais de apropriação da cultura que o indivíduo realiza no próprio processo de humanização da espécie humana.

Toda función psíquica superior pasa ineludiblemente por una etapa externa de desarrollo porque la función, al principio, es social [...] Pero nosotros, al hablar de la etapa externa en la historia del desarrollo cultural del niño, nos referimos a otra cosa; cuando decimos que un proceso es [externo] queremos decir que es [social]. Toda función psíquica superior fue externa por haber sido social antes interna; la función psíquica propiamente dicha era antes una relación social de dos personas.

Podemos formular la ley genética general del desarrollo cultural del siguiente modo: toda función en el desarrollo cultural del niño aparece en escena dos veces, en dos planos; primero en el plano social y después en el psicológico, al principio como categoría interpsíquica y luego en el interior del niño con categoría intrapsíquica (VIGOTSKI, 2000: 150).

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base a operação com signos que afetam primeiro o outro, plano externo, e depois influencia a si mesmo, plano interno do indivíduo. A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana.

Compreender que o desenvolvimento é essencialmente cultural não significa desmerecer a realidade biológica do indivíduo, pois, apesar de pertencerem a ordens diferentes, as realidades biológicas e as realidades culturais se interpenetram na constituição histórica do homem (PINO, 2005).

Assim, o processo de internalização, que é uma série de transformações, caracteriza-se como uma reconstrução interna de uma operação que antes já foi externa, ou seja, antes da criança apropriar-se significativamente do uso social da escrita, ela passou, necessariamente, pela mediação do outro.

## A GÊNESE DA LINGUAGEM ESCRITA

Vigotski (2000) estudou o próprio processo de estabelecimento das formas superiores, e não o produto do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Desse modo, a aquisição da própria linguagem, enquanto função psicológica superior, é uma expressão da diferenciação e humanização do homem. É um elemento central das relações e da conduta cultural da personalidade humana que possibilita ao homem atri-

buir significados ao mundo e transitar pelo seio histórico e social da humanidade.

(...) a linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois, quando da conversão em fala interior, ela vem a organizar o pensamento da criança, ou seja, torna uma função mental interna (VIGOTSKI, 1998: 117).

O desenvolvimento da linguagem faz parte da experiência cultural. Dentre as diversas linguagens humanas, destacamos aqui a escrita como uma função cultural complexa, que permeia todas as relações sociais em uma sociedade letrada, propicia um jogo de relações pessoais, de comunicação e expressão de ideias e sentimentos, contribui como instrumento de auxílio à memorização e promove o desenvolvimento cultural do indivíduo.

Os fundamentos da psicologia histórico-cultural para o entendimento do desenvolvimento da linguagem escrita primam pela superação de compreender a aprendizagem da escrita como um simples treino ortográfico e caligráfico em direção a um sistema de ensino da linguagem escrita suficientemente racional. Nesse sentido, a compreensão da linguagem escrita e seu processo de aquisição pela criança constituem uma história de plenas discontinuidades. A linguagem escrita é um sistema especial de símbolos e signos que significa uma virada crítica em todo o desenvolvimento cultural da criança (VIGOTSKI, 2000).

Um aspecto desse sistema é que ele constitui um simbolismo de segunda ordem que, gradualmente, torna-se um simbolismo direto. Isso significa que a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais por sua vez, são signos das relações e entidades reais. Gradualmente, esse elo intermediário (a linguagem falada) desaparece e a linguagem escrita converte-se num sistema de signos que simboliza diretamente as entidades reais e as relações entre elas. Parece claro que o domínio de um tal sistema complexo de signos não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa; ao invés disso, esse domínio é o culminar, na criança, de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas. A única forma de nos aproximar de uma solução correta para a psicologia da escrita é através da compreensão de toda a história do desenvolvimento dos signos na criança (VIGOTSKI, 1998: 140).

Nessa perspectiva, a peculiaridade desse sistema constituiu-se quando a criança converte, pouco a pouco, um simbolismo de segundo grau (sons) em simbolismo direto. Isso expressa que a linguagem escrita é formada por um sistema de signos que identificam convencionalmente os sons e as palavras da linguagem oral. O nexos intermediário consiste na extinção gradual da linguagem oral e implica na transformação da linguagem escrita em um sistema de signos que simbolizam diretamente os objetos designados, e suas relações recíprocas.

A história de desenvolvimento da escrita começa quando aparecem os primeiros signos visuais na criança e se sistematiza na mesma história natural do nascimento dos signos, entre eles a linguagem humana. Por isso centramos nossas análises nos signos que compõem a pré-história da linguagem escrita na criança, que se inicia antes dela entrar na esfera escolar.

As metodologias de ensino da linguagem escrita que são criticadas pela psicologia histórico-cultural não se baseiam em alguma iniciativa da própria criança e nem no desenvolvimento natural de suas necessidades, mas se apresentam exteriormente a ela, chega das mãos do professor e lembram a aprendizagem de um hábito motor, por exemplo, como tocar piano. Neste caso o aluno desconhece a natureza da música, entretanto, desenvolve a agilidade dos dedos e aprende a tocar as teclas por meio da leitura das notas.

O estudo da história da representação dos signos nos recorda o desenvolvimento da linguagem e do significado das palavras. Desse modo, à medida que o signo adquire um desenvolvimento objetivo independente do gesto infantil, considera-se a passagem para uma segunda etapa do desenvolvimento da linguagem escrita pela criança (VIGOTSKI, 2000).

## SIGNOS DA PRÉ-HISTÓRIA DA LINGUAGEM ESCRITA

O domínio significativo da linguagem escrita pelo aluno constitui-se na apropriação de um sistema de signos simbólicos extremamente complexos. Para que o desenvolvimento da escrita ocorra, segundo a Teoria Histórico-Cultural, identificam-se signos que constituem a pré-história da linguagem escrita, como o gesto, o desenho e o jogo.

Uma forma incipiente da escrita é o próprio gesto, e este

também permeia o desenvolvimento do desenho e do jogo infantil. O gesto é o primeiro signo visual que contém a futura escrita da criança. O gesto contém subsídios necessários para o desenvolvimento das habilidades de escrita. Conforme Vigotski (2000) o gesto é a escrita no ar e o signo escrito é frequentemente um gesto que se consolida. A partir disso compreende-se a existência de uma relação da escrita nos desenhos ou pictografia.

O desenho infantil também possui quesitos propícios ao aprendizado da linguagem escrita à medida que se constitui como uma linguagem que faz relato gráfico sobre alguma coisa. Ou seja, o desenho consolida-se como linguagem para a criança à medida que ela tem condições de atribuir significados para o desenho do outro, e que entende os significados aplicados ao seu próprio desenho (VIGOTSKI, 2000).

Para Vigotski (2000), a compreensão do desenho infantil como uma forma de linguagem simbólica evidencia que, inicialmente, a criança desenha objetos e suas representações, e quando a criança quer desenhar um salto, faz movimentos de pular com a mão e deixa marcas desse movimento de pular no papel. Tudo isso para posteriormente ela desenhar a própria fala, fato que culmina no processo de desenvolvimento da linguagem escrita.

Em observações especiais, Vigotski (2000) observou a afinidade genética entre o gesto e o desenho, compreendendo que uma criança de 5 anos faz uma representação simbólica e gráfica através do gesto. Ressaltamos que a escrita simbólica, enquanto mecanismo no qual os rabiscos assumem a função de uma palavra ou frase distribuídas e organizadas em uma folha pela criança, em síntese, é uma manifestação de linhas gráficas que são reproduzidas pelos gestos. São grandes as rupturas e os saltos que são produzidos quando se passa de um mecanismo a outro para que seja percebida a conexão dos diversos momentos que envolvem o gesto, o jogo e o desenho.

A relação entre o gesto e a linguagem escrita encontra expressão na atividade simbólica presente nos jogos infantis. Sabemos que o importante na relação estabelecida não reside na semelhança entre a brincadeira e o objeto que designa, mas centra-se na utilização funcional, na possibilidade de realizar com sua ajuda o gesto representativo. O jogo simbólico é um sistema da linguagem muito complexo que, mediante gestos,

informa e assinala o significado das diversas brincadeiras. À medida que a criança compreende que sabe e que pode representar os objetos, que ela entende a função representativa dos signos, percebe-se o desenvolvimento de sua capacidade de utilizar símbolos ou outros instrumentos para a representação das relações.

Vigotski (2000) compreende que o jogo é um elemento necessário ao desenvolvimento da escrita. Nos experimentos de Hetzer citados por Vigotski (2000) observa-se como surge e desenvolve-se durante o jogo o significado simbólico com ajuda do gesto representativo e da palavra. Aqui se evidencia a manifestação da linguagem egocêntrica infantil, no qual as crianças recorrem à linguagem para acompanhar a ação. Nesse sentido, demonstram-se como as crianças reduzem significativamente o número de ações puramente lúdicas e começam a predominar o uso da linguagem. Por isso, a representação simbólica do jogo, quando trabalhada nos estágios infantis de desenvolvimento, constitui-se como uma forma peculiar da linguagem que leva diretamente à linguagem escrita.

A origem da escrita na história da humanidade remete à necessidade do desenho para registrar algo e lembrar depois. Assim, no caso do desenho, a linguagem escrita da criança não se origina por via natural, pois o desenho primário é um gesto da mão armada com um lápis. Quando o desenho começa a designar por si mesmo um objeto, os traços esboçados recebem seu nome correspondente. Assim é necessário que a criança alcance a compreensão de que não só pode desenhar coisas e objetos, mas também a linguagem. É esse descobrimento que levou a humanidade à genialidade da linguagem escrita por letras e palavras que deve ser recriado no universo infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que a verdadeira linguagem escrita da criança, e não o simples domínio do hábito mecânico de escrever -, desenvolve-se de modo semelhante à transição da necessidade de desenhar objetos ao desenho das palavras. Os vários métodos de ensino-aprendizagem da escrita permitem realizar isso de várias maneiras. Muitos métodos utilizam o gesto auxiliar para unir o símbolo verbal com o escrito, outros usam o dese-

nho que representa o objeto dado.

Mas a essência do ensino-aprendizagem da linguagem escrita reside na compreensão da sua pré-história, verificada na preparação e organização correta das atividades pedagógicas como um processo natural de apropriação da cultura humana. De acordo com Vigotski (2000), a pré-história da escrita constitui-se numa necessidade que levou ao trânsito do desenho de objetos às palavras. É complicado determinar sem margem de dúvidas como realmente ocorre o processo de transição do ensino de letras à linguagem escrita, de modo que as práticas pedagógicas que envolvem métodos de ensino-aprendizagem da escrita comumente aceitos não permitem condições de observação deste processo de desenvolvimento cultural da criança.

O gesto, o desenho e o jogo são atividades importantes para o desenvolvimento da escrita. O desenho impulsiona o desenvolvimento da escrita porque é uma atividade importante para aprender a operar com signos e suas inter-relações. Não desenhar freia o processo de aprendizagem da escrita.

Resumidamente pode se concluir que, para Vigotski, o desenho, o jogo e as atividades simbólicas fazem parte do processo de aprendizagem da leitura e escrita. A escrita precisa ser ensinada de modo a tornar-se significativa para a criança. Para isto, precisa ser compreendida como uma atividade cultural complexa e como um simbolismo de primeira ordem, ou seja, uma linguagem em si. A constituição da escrita como função cultural requer que a criança entenda que ela representa uma linguagem, e não tão somente os sons (ANDRÉ, 2007: 67-68).

Segundo Vigotski (2000), experimentos demonstram que quando a criança conhece as letras e sabe distinguir com ajuda os sons isolados nas palavras, demora, mas consegue apropriar-se completamente do mecanismo da escrita. Torna-se relevante caracterizar o momento mais importante do desenvolvimento da linguagem escrita pela criança, pois os signos da escrita são símbolos de primeira ordem quando fazem denominações diretas de objetos ou ações. Entretanto, descrevemos uma etapa na qual a criança não chega ao simbolismo de segunda ordem, consistindo na utilização de signos da escrita para representar os símbolos verbais da palavra.

Os pressupostos de Vigotski (2000) sobre a teoria do desenvolvimento da escrita apresentam importantes contribuições

para o processo de alfabetização numa perspectiva cultural do desenvolvimento da criança. Uma delas é que a criança deve entender a linguagem escrita como um meio que lhe permite possibilidades de comunicar-se com o mundo, com as pessoas, de atribuir significações às produções humanas.

Na teoria da escrita, seguindo os postulados de Vigotski, inicialmente a criança representará os sons da fala e, posteriormente, representará as ideias. A aprendizagem da escrita não deve ser simplesmente concebida como um traçado de letras, mas como uma linguagem cultural essencialmente humana. Ou seja, a linguagem escrita é um sistema de signos que representa a linguagem humana necessária.

O ensino escolar deve possibilitar uma passagem natural de desenho de objetos em direção ao desenho da linguagem. Por isso a criança deve brincar jogar, desenhar e dramatizar antes mesmo de ter acesso formal e sistematizado à linguagem escrita. A apropriação da linguagem escrita que a criança faz é uma síntese de rupturas e continuidades da transformação e do desenvolvimento cultural que a humanidade consolida nas relações sociais.

Conforme Vigotski (2000), a criança se apropria melhor da escrita quando sente necessidade de escrever. A atividade representativa permeia o desenvolvimento cultural da escrita. A criança em processo de alfabetização precisa compreender que objetos e símbolos podem representar e registrar ideias, expressar sentimentos e emoções, além de inserir-se na cultura letrada e comunicar-se historicamente ao longo das gerações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Tamara Cardoso. **O desenvolvimento da escrita segundo Vigotski: possibilidades e limites de apropriação pelo livro didático**. Curitiba: 2007. 158p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

*Luzia Franco Duarte - Luiza Franco Duarte - Tamara Cardoso André*

MIGOTSKI, Lev Semenovich. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: MIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas III**. Madrid, Espanha: Visor, 200